



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

## AS DUALIDADES DA VIDA DE ROGER CASEMENT E O SEU ENCONTRO COM OS NATIVOS DO CONGO E DA AMAZONIA PERUANA

Maria Eliése Gurgel<sup>1</sup>

### 1. QUEM FOI ROGER CASEMENT?

Consagrado hoje como patriota, poeta, revolucionário e nacionalista, Roger Casement (1864 – 1916) foi uma figura polêmica que teve sua vida pública marcada por dualidades constantes que vão de um extremo a outro. Assim, este artigo se inicia com o seguinte questionamento: quem, de fato, foi Roger Casement? De acordo com Geraldo Cantarino, em sua obra *Uma ilha chamada Brasil: o paraíso irlandês no passado brasileiro* (2004), Roger Casement é “uma das figuras mais emblemáticas e polêmicas do início do século XX. Seu nome até hoje provoca diferentes reações: um misto de mal estar, infidelidade, injustiça e um latente grito de liberdade” (p.27). A grande questão é: quem foi, de fato, Roger Casement, anjo ou demônio? Para muitos, Roger Casement foi um humanista, um homem que, em vida, lutou por grandes causas humanitárias e, para outros, um traidor da Coroa Britânica, ou, como foi acusado por seus algozes em *Black Diaries*, um pervertido sexual.

Roger Casement nasceu na Irlanda, precisamente em Dublin e, quando tinha nove anos de idade, de acordo com Adam Hochschild, em sua obra *O fantasma do Rei Leopoldo* (1999), ocorreu a primeira tragédia na sua família, a morte de sua mãe, Anne Jephson, em 1873. Seu pai, o capitão Casement, diante da perda da esposa, resolveu mudar de cidade e passou a responsabilidade da educação dos seus quatro filhos, Agnes, Charles, Tom e Roger, o mais novo dos quatro, para um tio avô,

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR - gurgel.e@hotmail.com



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônia, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

John Casement e sua esposa Charlotte. Conforme Vargas Llosa, em seu romance histórico *O sonho do Celta*, Roger Casement também perdeu o pai ainda muito jovem, que “morre de tuberculose em 1876, três anos depois da morte da esposa” (2011, p.20). A morte dos pais certamente deixou uma lacuna na vida do jovem Casement, pois ainda de acordo com Vargas Llosa, Casement “foi um estudante distraído, que tirava notas regulares, exceto em latim, francês, e história antiga, matéria em que se destacou. Escrevia poesias, parecia estar sempre ensimesmado e devorava livros de viagens pela África e Extremo Oriente” (2011, p.20).

Como um adolescente retraído, Casement muito cedo se voltou para os livros e lia de tudo um pouco, mas suas leituras preferidas eram sobre o continente africano, tendo em vista que em sua juventude ouviu falar do doutor David Livingstone, o primeiro europeu a cruzar a África que ficou encantado com a história desse médico ‘evangelista’. Desde então, procurou ler tudo que dizia respeito a esse médico escocês que, supostamente, levava o Cristianismo aos confins do continente africano. Foi a partir dessas leituras que Roger Casement começou a almejar a participar de uma expedição à África. Ainda jovem, foi trabalhar no continente com que tanto sonhara. E, conforme Hochschild (1999), foi em 1883 que Roger Casement, então com dezenove anos de idade, fez sua primeira viagem ao Congo, trabalhando justamente como comissário de um navio da Elder Dempster. Desse modo, Casement realizou o desejo de participar de uma expedição e foi trabalhar com o aventureiro e explorador Henry Morton Stanley, o “herói” que tinha encontrado o doutor David Livingstone. “Médico, garimpeiro, missionário, explorador e, num determinado momento, até cônsul britânico, ele vagou durante três décadas pela África” (HOCHSCHILD 1999, p.38). No continente africano, Casement se destacou por seu ativismo em prol dos direitos humanos e fez amizade com um dos primeiros cavalheiros a denunciar a tirania do rei Leopoldo II, Edmund Dene Morel, personagem importante para as descobertas dos desmandos do rei Leopoldo II no continente africano. Foi como funcionário de uma empresa de navegação sediada em Liverpool que Edmund Morel descobriu a farsa que eram os “trabalhos filantrópicos” do monarca



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Leopoldo II. Como Morel falava francês fluentemente, a empresa o enviava à Bélgica com frequência, para supervisionar a carga e descarga dos navios que faziam a rota do Congo quando pôde observar que “os navios da companhia chegam abarrotados de cargas valiosas de borrachas e marfim” (HOCHSCHILD 1999, p.10). Morel percebe que existe trabalho escravo nos feitos daquele monarca da Bélgica e se empenha em denunciá-lo.

No que concerne a Demétrio Magnoli (2009), da descoberta dos feitos do monarca até a indignação com a devida farsa, passaram-se apenas alguns meses. Em 1900, Morel engajou-se no jornalismo de denúncia e começou uma campanha contra o regime de escravidão que se instalou no Congo sobre o domínio do rei Leopoldo II, “com o auxílio de John Holt, um reto empresário de Liverpool, fundou seu próprio jornal, o West African Mail, que seria o instrumento de uma campanha incessante, vigorosa e precisa” (MAGNOLI, 2009, p.216). Morel expôs o sistema de trabalho escravo que os congoleses estavam vivendo e com a ajuda de Roger Casement, pois os dois lutavam pelos mesmos ideais, fundaram a Associação de Reforma do Congo. A associação chamou a atenção de muitos intelectuais que passaram a dar apoio literário ao movimento, entre os escritores, os nomes mais destacados foram os de Arthur Conan Doyle, Josep Conrad, Mark Twain e Anatole France.

## 2. ROGER CASEMENT E O CONGO

Conforme Angus Mitchell (2011), “A primeira nomeação de Casement foi para trabalhar como agente colonial na Associação Internacional do Rei Leopoldo” (p.19). O jovem Casement, cheio de sonhos e ideais, não imaginava que estava viajando para a futura colônia do Rei Leopoldo II da Bélgica, um homem cruel e dissimulado que colonizou o Congo, por décadas, sem nunca ter ido lá.

Ao chegar ao Congo, Roger Casement foi apresentado ao horror, pois presenciou cenas de violência e escravidão. Como afirma Cantarino:



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Entre 1895 e 1904, Roger Casement foi cônsul britânico na África e deixou documentado a tragédia do então Estado Livre do Congo. Ele testemunhou mulheres e crianças acorrentadas como reféns e homens sendo espancados durante a coleta do látex para a produção da borracha e registrou execuções em massa e terríveis mutilações (2004, p.28).

Hochschild também retrata as atrocidades do colonialismo europeu na África. Nas palavras desse autor, o rei Leopoldo II era um monarca inescrupuloso e frio, que conseguiu dominar e colonizar o Congo, conhecido, posteriormente, como Congo Belga. As ações desse monarca nunca foram sensatas. Com a ajuda de um explorador, Henry Morton Stanley, e de um general conhecido como Henry Shelton Sanford, o rei Leopoldo II, tramou de muitas formas para se tornar o proprietário do Congo. Ele primeiro fundou uma Sociedade Internacional Africana, que de acordo com Demétrio Magnoli (2009, p. 214), era "supostamente uma associação científica e humanitária voltada para a difusão da religião e o combate ao tráfico". Porém era tudo uma farsa, o rei deixou um legado de morte e destruição que a humanidade não tem como esquecer tamanho foi a maldade desse monarca. Na orelha do livro de Hochschild, pode-se ler o seguinte:

Entre 1815 e 1908, Leopoldo, que nunca pôs os pés no Congo, tirou de lá algo como um bilhão de dólares atuais em marfim, látex e minérios, sacrificando a metade da população do país em massacres, torturas, trabalho escravo extenuante, epidemias trazidas pelos colonizadores e fome coletiva provocada por sequestro de alimentos e êxodo forçado dos habitantes das aldeias (1999).

É nessa África colonizada que o jovem Roger Casement se descobriu como um aventureiro colonial. Desse modo, é aí que Casement conhece o horror que, posteriormente, o escritor Joseph Conrad retrata em seu romance *O coração das trevas*. Conrad escreve sobre dor e morte em uma África colonizada por homens sedentos por dinheiro e poder, mesmo que para isso tivessem que matar os nativos da região; tudo que eles queriam era aprisionar homens livres e submetê-los a um completo regime de escravidão. Não havia nenhuma compaixão; para os colonizadores somente o lucro contava. Ao entrar no rio que o levaria ao local onde ficava a companhia que explorava os nativos, Marlow, personagem principal da trama





Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

De volta à Inglaterra, escreveu um relatório para o Ministério das Relações Exteriores, no qual relatava os absurdos do reinado do Rei Leopoldo II no Congo. A partir desse momento Casement se alia ao jornalista E.D. Morel, que também vinha denunciando os desmandos do rei mencionado, e juntos fundaram a Associação da Reforma do Congo (ARC), criada para lutar em prol da reforma do Congo. Em maio de 1903, o Ministério do Exterior da Grã-Bretanha enviou um telegrama para Casement, solicitando que o mesmo não só investigasse, mas também mandasse relatórios sobre os ocorridos no Congo para o referido ministério. Sobre a viagem de Casement ao Peru, no ano de 1910, para investigar as denúncias das atrocidades cometidas por uma empresa britânica contra os nativos da região, discorreremos no tópico seguinte.

### 3. ROGER CASEMENT E A AMAZÔNIA

O que prevalecia na região do Putumayo, no final do século XIX e início do século XX, eram o crime e a barbárie, e foi para investigar essas flagelações, estupros e mortes violentas que o cônsul britânico, *Sir. Roger Casement*, foi enviado. Ele já tinha estado na Amazônia, pois havia trabalhado em Belém do Pará, no Brasil, e atuado como cônsul britânico em Santos, no período de setembro de 1906 a janeiro de 1908, e no estado do Rio de Janeiro, de março de 1909 a agosto de 1913. Segundo Mitchell, Casement fez duas viagens à região amazônica; a primeira foi em 1910, na qual pretendia "investigar crimes disseminados contra a humanidade, resultantes da indústria de extração da borracha", e a segunda foi em 1911, quando viajou até Iquitos, no Peru, "para julgar e apresentar à justiça os responsáveis pelas atrocidades" (MITCHELL, 2011, p15). Foi na segunda viagem que Casement constatou realmente as condições desumanas às quais os nativos da região do Putumayo estavam submetidos. Uma empresa do peruano, Júlio César Araña (1864 – 1952) que tinha como seus acionistas alguns "cavalheiros" ingleses, estava escravizando os nativos da região.



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Ao chegar à Amazônia, Casement se deparou com a escravidão dos índios da região do Putumayo. Com o intuito de reunir provas desses crimes, fez vários percursos pelas estações da borracha, locais onde se pesava a borracha que os índios traziam da floresta. Durante essas entregas do produto gomífero, ele pôde presenciar a forma desumana com que os índios estavam sendo tratados. Mesmo que os empregados da Peruvian Amazon Company tentassem apagar os vestígios de violência, as provas estavam, principalmente, nas cicatrizes deixadas nos corpos dos nativos, nos adultos e, também, nas crianças, pois há relatos de muitas delas marcadas e até mesmo mortas pelos empregados da referida empresa.

Walter Hardenburg (2016), em seu relato de viagem *O paraíso do diabo: relato de viagem e testemunho das atrocidades do colonialismo na Amazônia*, nos faz refletir sobre esses flagelos:

Pense em meninas de nove anos de idade arrancadas de suas casas, violadas, e depois torturadas ou açoitadas até a morte; em crianças arrancadas dos braços de suas mães e suas cabeças esmagadas contra o tronco de uma árvore (p.135).

A partir dessas denúncias feitas por Hardenburg, o horror vem à tona e Casement presenciou novamente todo o cenário de violência e morte que já havia presenciado antes, no Congo do Rei Leopoldo II, e começa sua batalha pelos “direitos humanos” daqueles nativos. O termo *direitos humanos* aqui grafado não havia sido utilizado nos termos atuais, visto que foi somente nos anos de 1948 que a Organização das Nações Unidas<sup>2</sup> (ONU), por meio de Assembleia Geral, lançou a Declaração dos Direitos Humanos.

Como podemos constatar, Roger Casement foi um ativista, um nobre cavalheiro que se preocupou com os direitos humanos, numa época em que não se conhecia verdadeiramente a causa.

No livro *Diário da Amazônia de Roger Casement* (2016), é possível ler sobre a chegada de Casement à Amazônia nos anos de 1910 para uma investigação

<sup>2</sup> Revista de informações e debates do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada: História – Direitos Humanos 60 anos depois – Marcio Falcão, Edição 49 – 06 /04/2009.



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

oficial da região. Na obra pode-se verificar as impressões que o autor teve ao chegar ao Brasil e todo o seu trajeto pela região do Putumayo. Do Brasil, em 8 de agosto de 1910, Roger Casement relata por meio de uma carta para o amigo Bulmer<sup>3</sup> que se encontrava na Inglaterra:

Aqui estou eu de volta ao Pará! [...] Estou a caminho do Peru, Amazonas acima – uns 4 800 quilômetros de distância pelo rio! Estarei no meio da floresta durante quatro meses a fio, talvez por seis meses – e não creio que receberei cartas por muitos meses, pois estarei longe de postos e da civilização o tempo todo (CASEMENT, 2016, p.40).

Casement havia sido designado pelo Ministério das Relações Exteriores para investigar os ocorridos no Putumayo por dois motivos: a Inglaterra estava recebendo notícias de atrocidades sendo cometidas pela empresa Peruvian Amazon Company, que fazia a extração da borracha nativa, e que tinha acionistas britânicos e, um outro motivo, eram os possíveis maus-tratos com súditos britânicos, homens contratados em Barbados.

Para Casement, Putumayo era uma repetição de todo o sofrimento que ele havia presenciado no Congo, escravidão, mutilações crime e barbárie, “impulsionado pela insaciável demanda europeia por borracha nativa” (HOCHSCHILD, 1999, p.279). Ávido por justiça, ele prepara minuciosamente os relatórios que irão denunciar todos os crimes ocorridos naquela região. Primeiramente entrevista os barbadianos que se encontram em Iquitos, depois conversa com os moradores da cidade, mas percebe um certo receio das pessoas e conclui que “O Putumayo é “um livro lacrado”; mesmo em Iquitos é surpreendente como quase todos parecem estar com medo ou “envolvidos” (CASEMENT, 2016, p.67). A comissão investigativa chegou ao Putumayo

---

<sup>3</sup> John Bulmer Hobson (1883-1969) era um dos líderes nacionalistas da Revolta da Páscoa de 1916 e membro das organizações revolucionárias Irish Volunteers (Voluntários Irlandeses) e Irish Republican Brotherhood (irmandade Republicana Irlandesa).





Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônia, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

A descolonização é o encontro de duas forças congenitamente antagônicas que vão buscar a sua originalidade a essa espécie de substantificação segregada e alimentada pela situação colonial. O seu primeiro confronto ocorreu sob o signo da violência, e a sua coabitação - mais precisamente, a exploração do colonizado pelo colono - fez-se a poder de baionetas e de canhões (2015, p.40).

Casement se tornou uma das principais figuras nas constantes campanhas para aquisição de fundos para ajudar nos movimentos nacionalistas em prol de uma Irlanda livre e, ainda, de acordo com Angus Mitchell, "em maio de 1914, conspirou, entre outros, com Alice Green para comprar e organizar um contrabando de armas da Alemanha para Dublin". Acontece que Casement já estava sob vigilância de agentes da inteligência britânica, mas mesmo assim, consegue apoio dos alemães e segue seu plano, porém foi preso e condenado como traidor da coroa britânica.

Em 1916 ele foi preso, no dia 21 de abril, Sexta-Feira Santa, no movimento que ficou conhecido na história como O Levante da Páscoa, quando muitos revolucionários irlandeses foram presos e mortos.

A morte de Casement não se deu de imediato, pois foi repatriado da Irlanda, para a Inglaterra, onde ficou aguardando julgamento na Torre de Londres, na prisão de Pentonville. "Ao final de junho, Casement foi julgado por alta traição na Corte da Justiça Real e, após um julgamento surpreendente de quatro dias, foi considerado culpado e sentenciado à morte" (MITCHELL, 2011 p.49).

Em 03 de agosto de 1916, Roger Casement foi enforcado, pois não importava o que ele havia sido antes. Para a Corte Real Britânica ele foi apenas um traidor, um perverso sexual, como ficou conhecido na época, pois publicaram seus diários pessoais, nos quais, supostamente, o mesmo descrevia suas relações sexuais com rapazes de diversas nações e várias etnias.

A questão que se coloca é: será que esses diários não foram forjados? Roger Casement deveria ter muitos inimigos, pois ele desvendou crimes brutais envolvendo grandes personalidades de um cenário político, tanto no Continente Africano, como na América do Sul. Roger Casement foi um visionário e, sobre esse



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

termo, citamos Hélio Rocha (2016), ao falar de um outro visionário que colonizou o rio Purus, Antônio Rodrigues Pereira Labre. Assim, sobre esse empreendedor colonialista, afirma Rocha que:

Seus estudos, suas viagens de exploração, seus sonhos e devaneios, volições e visão não apenas do seu próprio tempo, mas também do futuro, o incitam para grandes feitos. Ao homem capaz desse desdobramento do pensamento dar-se o nome de visionário, porque enxerga para além do seu tempo e pode ver, dessa forma, a uma grande distância, porque vive embalado pelo o que está adiante, ou seja, por algo que está para além de seu próprio horizonte, mas que pode ser alcançado (2016, p.15).

Roger Casement foi um visionário e lutou por grandes causas como a libertação da Irlanda do jugo britânico, a liberdade dos indígenas do Congo e da região do Putumayo. Porém como o personagem dual também foi acusado de ser um pervertido sexual e teve atitudes não muito éticas, como levar os jovens índios Witoto, Omarino e Ricudo para a Grã-Bretanha. Segundo Fany kuiru uma índia Wuitoto da Colombia que concedeu entrevista ao Survival<sup>4</sup> em 1º de agosto de 2011, Omarino foi trocado por um par de calças e uma camisa, Ricudo foi ganho em um jogo de cartas. Acredita-se que Roger Casement tenha levado os jovens índios como um troféu, para que os europeus conhecessem o “outro”, ou o não “civilizado”.

Abramos aqui um parágrafo para discutirmos a questão do “eu” e do “outro” na visão de Tzvetan Todorov em *A conquista da América* (2010), no qual o autor discorre sobre essa “descoberta”:

Quero falar da descoberta que o eu faz do outro. O assunto é imenso. Mal acabamos de formulá-lo em linhas gerais já o vemos subdividir-se em categorias e direções múltiplas, infinitas. Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um eu também, sujeito como eu (TODOROV, 2010, p.3).

<sup>4</sup> Survival, organização de movimento global pelos direitos dos povos Indígenas.





Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

## REFERÊNCIAS

CANTARINO, Geraldo. **Irlandês: Uma ilha chamada Brasil: o paraíso no passado brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora MAUAD, 2004.

CONRAD, Joseph. **O coração das trevas**. Tradução de Albino Poli Jr. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2009.

FRANTZ, Fanon. **Os condenados da terra**. Tradução de António Massano. Lisboa: Livraria Letra Livre, 2015

HARDENBURG, Walter. **O paraíso do diabo. Relato de viagem e testemunho ocular das atrocidades do colonialismo na Amazônia**. Tradução de Hélio Rocha. São Carlos: scienza, 2016.

HOCHSCHILD, Adam. **O fantasma do Rei Leopoldo – Uma história de cobiça, terror e heroísmo na África colonial**. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Cia das letras, 1999.

MAGNOLI, Demétrio. **Uma gota de sangue: história do pensamento racial**. São Paulo: Contexto, 2009.

MITCHELL, Angus. **Roger Casement no Brasil: a borracha, a Amazônia e o mundo atlântico, 1884-1916**. Tradução de Mariana Bolfarine. São Paulo: Humanitas, 2011.

\_\_\_\_\_. **Diário da Amazônia de Roger Casement**. Organização de Laura P.Z. Izarra e Mariana Bolfarine; Trad. Mariana Bolfarine (coord.), Mail Marques de Azevedo e Rita Drumond Viana. São Paulo: editora edusp, 2016.

LLOSA, Mário Vargas. **O sonho do celta**. Tradução Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: ALFAGUARA, 2011.

ROCHA, Hélio. **Coronel Labre**. São Carlos SP: Editora Scienza, 2016.

